

Grupo 06 – Livros Didáticos de Sociologia

Coordenação:

Julia Polessa Maçaira

Doutora em Sociologia (UFRJ)

Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Marcelo Cigales

Doutor em Sociologia Política (UFSC)

Professor da Universidade de Brasília (UnB)

Descrição:

Desde 2008 as pesquisas sobre o ensino de Ciências Sociais em seus múltiplos aspectos cresceram vertiginosamente no país, incluindo um conjunto significativo de trabalhos sobre os livros didáticos de Sociologia voltados para a educação básica, principalmente após sua entrada no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o ensino médio nas edições de 2012, 2015 e 2018. Este Grupo de Discussão pretende reunir pesquisadores(as), professores(as) e estudantes interessados(as) na pesquisa sobre os livros didáticos de Sociologia e de Ciências Sociais, bem como estimular o debate sobre o futuro desse artefato cultural, dada a Reforma do Ensino Médio e a aprovação da BNCC. As discussões serão articuladas a partir dos seguintes eixos: a) balanços e Estado da Arte; b) pesquisas comparativas entre contextos nacionais; c) análise sobre os/as autores(as); d) avaliação e problematizações a partir do PNLD; e) usos e prática do livro didático em diferentes níveis e contextos educacionais; f) questões metodológicas; g) diferentes suportes físicos e eletrônicos, entre outros. Espera-se que este GD venha contribuir para o fortalecimento da reflexão sobre o ensino das Ciências Sociais e para a ampliação do debate sobre os diferentes aspectos políticos, culturais, econômicos e educacionais do livro didático no país.

Palavras-chave: Livros Didáticos. Ensino de Sociologia. Ensino de Ciências Sociais. Educação Básica. PNLD.

DISCUSSÕES SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE SOCIOLOGIA

Lorena Carlos Aiala

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)
E-mail: lorena.aiala@hotmail.com)

Andreia dos Santos

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)
E-mail: andreiasantos@pucminas.br

Este trabalho tem por objetivo central analisar de que maneira as discussões de gênero são apresentadas nos livros didáticos de sociologia entre os anos de 2012 e 2018. A sociologia foi inserida no Plano Nacional do Livro Didático – PNLDD – em 2012 e este foi um passo importante para a disciplina, uma vez que sua permanência na educação básica historicamente é instável (CARVALHO, 2004; DE FREITAS, 2016). De acordo com dados publicados pelo Ministério da Educação, no edital de 2012, 14 livros de sociologia foram inscritos, mas somente 2 foram aprovados. Em 2015, 13 foram inscritos e 6 aprovados e em 2018, 12 inscritos e 5 aprovados. Ao fazer a soma dos livros aprovados, percebe-se que no total temos 13, no entanto as análises se concentraram na última edição de cada. Assim sendo, são eles: “Sociologia para o Ensino Médio”; “Tempos modernos, tempos de sociologia”; “Sociologia”; “Sociologia em Movimento”; “Sociologia hoje” e “Sociologia para os jovens do século XXI”.

Outros objetivos deste trabalho são comparar as discussões de gênero feitas nos livros didáticos de sociologia, aprovados entre 2012 e 2018, considerar o contexto político e as decisões que interferem no ensino de sociologia, analisar, historicamente, a trajetória dos livros didáticos da disciplina e relacionar as discussões de gênero nos livros didáticos de sociologia com as legislações de ensino. Por meio da metodologia qualitativa, a pesquisa documental e a análise de conteúdo são as técnicas usadas para alcançar os objetivos citados acima (BARDIN, 1977; GODOY, 1995).

De maneira geral, a desigualdade e a discriminação com as mulheres estão presentes em vários âmbitos de nossa sociedade, seja no mercado de trabalho, nas relações de cunho religioso, político e cultural (SILVA & MENDES, 2015;

WELZER-LANG, 2001). Estas constatações não são diferentes na instituição escolar, uma vez que alunos/as, professores/as, entre outros sujeitos que a compõem, estão inseridos/as na sociedade, produzindo, vivenciando e reproduzindo valores culturais que acarretam em assimetrias. As relações que se constituem no ambiente escolar estão dentro de um contexto temporal e espacial e nele, por meio de representações e trocas simbólicas, já está subentendido qual é o lugar de meninos e meninas (LOURO, 2000).

Ao fazer uma breve retrospectiva histórica sobre a disciplina de sociologia na educação básica percebe-se que a intermitência é sua principal característica (CARVALHO, 2004). O Plano Nacional do Livro Didático – PNLD – é uma política pública educacional criada em 1985 e ao longo dos anos passou por ajustes e mudanças (FERNANDES, 2011). Em 2012, a sociologia é inserida nesta política pública educacional e isso fortalece a disciplina enquanto campo de saber do ensino médio.

Tudo que auxilia o processo de ensino e aprendizagem é material escolar, portanto, o livro didático o é, uma vez que é um objeto envolvido nas atividades escolares (CHOPPIN, 2004). Além disso, os livros didáticos tem o poder de reforçar, estigmatizando ou não, identidades de classe, etnia, religião, gênero e sexualidade (MELO, 2017). Dessa forma, o livro didático é um objeto complexo e dispõe de múltiplas funções, são elas: a função referencial, instrumental, ideológica e cultural.

Com as análises dos livros didáticos de sociologia constata-se que apenas 33% tem um capítulo específico para as discussões de gênero, enquanto os demais, 67%, disponibilizam essa discussão de maneira marginalizada, atrelada a outros assuntos. Além disso, as ilustrações que permeiam estes livros reforçam os estereótipos de gênero. Em outras palavras, o homem é retratado como agressivo, forte, racional, enquanto a mulher é passiva, frágil e comportada. Por fim, entende-se que as conquistas dos últimos anos, por meio de políticas públicas educacionais tais como o PNLD, PIBID, Residência Pedagógica, entre outras, estão ameaçadas, uma vez que as decisões políticas impactam diretamente na qualidade do ensino, na continuidade das políticas públicas educacionais, posicionamentos estes neoliberais que buscam na educação um negócio lucrativo.

Referências

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições, v. 70, p. 225, 1977.

CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de. A trajetória histórica da luta pela introdução da disciplina de Sociologia no Ensino Médio no Brasil. *In*: CARVALHO, Lejeune. **Sociologia e Ensino em Debate: experiências e discussões de Sociologia no Ensino Médio**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, p. 17-28, 2004.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e pesquisa**, v. 30, n. 3, p. 549-566, 2004.

DE FREITAS, Maria Cristina Leal; FRANÇA, Carlos Eduardo. História da sociologia e de sua inserção no ensino médio. **Movimentação**, v. 3, n. 5, p. 39-55, 2016.

FERNANDES, Magda Carvalho. Vinte e cinco anos do PNLD: uma trajetória de negociações entre política educacional e econômica. *In*: **Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação**. Vitória: SBHE/UFES. 2011. p. 1-14.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, escola e identidade**. Educação & Realidade, v. 25, n.2, 2000.

MELO, Valci. Os livros didáticos de Sociologia e os sentidos do ensino de Ciências Sociais na Educação Básica. **Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 109-130, 2017.

SILVA, Maví Consuelo; MENDES, Olenir Maria. As marcas do machismo no cotidiano escolar. **Caderno Espaço Feminino**, v. 28, n. 1, 2015.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

O USO DO LIVRO DIDÁTICO NAS AULAS DE SOCIOLOGIA: uma estratégia para a participação ativa dos estudantes

Roberta dos Reis Neuhold
Instituto Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: roberta.neuhold@osorio.ifrs.edu.br

Nas edições de 2012 a 2018, a Sociologia integrou o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do ensino médio (BRASIL, 2012, 2015, 2017). Por meio do PNLD, o Ministério da Educação distribuía livros didáticos de dez componentes curriculares diferentes, para todos os estudantes matriculados em instituições públicas do país. Considerando que 88% das 7,5 milhões de matrículas no ensino médio concentram-se em instituições públicas (INEP, 2020), temos pelo menos 6,6 milhões de estudantes que permanecem, até três ou quatro anos, com um volume de Ciências Sociais sob seus cuidados, sendo, talvez na maior parte dos casos, o primeiro, quiçá único, livro da área que adentrará as suas residências.

Essa abrangência da distribuição do livro didático corrobora a necessidade de não desconsiderá-lo como um importante artefato educacional. Convém sublinhar sua livre circulação entre a escola e a casa, podendo ser lembrado como um recurso que o estudante tem em mãos para se preparar para uma aula, aprofundar-se ou revisar conteúdos e, quem sabe, transitar, por mera curiosidade, entre diversos temas, conceitos e teorias. Nesse sentido, sugerir estratégias de uso do livro, de leitura e síntese dos seus conteúdos, pode ser um caminho para o discente aproximar-se, com relativa autonomia, dos próprios conteúdos das Ciências Sociais.

Neste trabalho, apresento uma estratégia de participação ativa dos estudantes em uma atividade que parte do livro didático para introduzir novos conteúdos de ensino. Trata-se de um relato que se baseia em minha experiência no ensino médio integrado ao técnico como docente de Sociologia de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (BRASIL, 2008).

Na estratégia de ensino e aprendizagem aqui apresentada, o contato dos estudantes com os conteúdos curriculares, por meio de estudos autônomos, antecede a aula expositiva. De forma geral, quatro etapas compõem o processo: (1)

o planejamento docente e a produção de um arquivo em aplicativo de apresentação on-line de edição colaborativa de slides; (2) o estudo de certo capítulo do livro didático, sendo um tópico específico para cada dupla de estudantes, e posterior síntese, resultando na produção de conteúdo de uma tela do arquivo de slides; (3) a avaliação por pares; e, finalmente, (4) a apresentação oral.

A etapa inicial consiste (1) no planejamento docente, com a seleção dos conteúdos de ensino que serão objeto de estudo; (2) na identificação do capítulo do livro didático que aborda, parcial ou integralmente, o conjunto de conteúdos de ensino selecionados; (3) na criação de um arquivo em aplicativo de apresentação on-line que possibilite a produção de apresentações, na forma de slides, compartilhadas e editadas simultaneamente a partir de diferentes dispositivos; e (4) a preparação da estrutura das telas do arquivo, sendo uma por tópico, com título idêntico ao presente no livro, e campos para identificação dos discentes autores e revisores.

A segunda etapa, que acontece no laboratório de informática, inicia com a (1) apresentação da proposta da atividade. Em seguida, organizados em duplas, os estudantes (2) selecionam uma das telas do arquivo de slides; (3) realizam a leitura do tópico pelo qual ficou responsável; (4) elaboram um resumo, preferencialmente na forma de palavras-chave, esquemas, mapas conceituais e mentais etc.; e (5) produzem, no mínimo, uma tela do arquivo de apresentação, incluindo texto e, sempre que possível, uma imagem com legenda. Durante esse processo, assessoro as duplas individualmente, conforme suas demandas.

Denomino a terceira etapa, que também deve ocorrer no laboratório de informática, de “avaliação por pares”. Início com (1) a exibição de um vídeo no qual o professor Ron Berger narra, para a sua turma do ensino fundamental, o desafio de Austin ao fazer um desenho científico de uma borboleta-tigre. Depois de seis tentativas consecutivas, cada uma delas acolhendo as críticas específicas dos colegas (e não “malvadas”, como explicam as próprias crianças), ele apresenta um desenho que impressiona colegas e professor. O vídeo é breve e sensibiliza a turma para a atividade que irá realizar: (2) cada dupla revisa uma tela de outra dupla, fazendo críticas específicas e construtivas na forma de comentários. Finalizada a revisão, (3) a autoria lê os comentários, ficando ao seu critério acolher as sugestões ou não. No geral, ainda que se mostrem apreensivos, em um

primeiro momento, os estudantes dizem que é um processo que aperfeiçoa suas produções. Essa estratégia também amplia o escopo dos seus estudos, visto que cada dupla se aprofunda em dois tópicos: um pelo qual responde pela autoria e o outro em que faz uma leitura crítica.

A última etapa, que acontece na sala de aula, consiste na apresentação oral, na qual os estudantes, com o suporte dos slides, socializam com a turma o resultado dos estudos.

Neste trabalho, apresentei uma estratégia de uso do livro didático no ensino médio com base em minha experiência docente. Nela, o estudante, primeiramente, lê, sintetiza, dialoga com os pares e apresenta seu entendimento e questionamentos sobre os conteúdos do livro, para mais tarde a docente tomar a dianteira da aula, esclarecendo dúvidas, estabelecendo conexões e propondo aprofundamentos sobre os conceitos, teorias e temas estudados.

Essa estratégia flerta com alguns pressupostos das metodologias ativas, com destaque para a da sala de aula invertida (BERGMANN; SAMS, 2019), muito embora, confesso, eu desconhecesse seus fundamentos quando a desenvolvi. De qualquer forma, vale a pena destacar que esse uso “invertido” do livro didático, além de modificar a própria estrutura da sala de aula (literalmente, visto que, durante o processo, eu círculo pela sala ou me sento nas carteiras dos estudantes enquanto eles se posicionam na frente da lousa), intensifica a relação entre estudante-estudante, estudante-professora, estudante-conhecimento e estudante-livro didático, esse artefato cultural ao qual milhões de alunos brasileiros têm acesso, em casa ou na escola. Destaque-se, ainda, o potencial desta estratégia para desenvolver a autonomia dos estudantes para estudar, sobretudo de forma colaborativa.

Referências

AUSTIN'S butterfly: building excellence in student work. Direção de David Grant. Maine: EL Education, 2012.

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. **Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem**. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

BRASIL. Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Guia de livros didáticos: PNLD 2012, Sociologia. Brasília: MEC / SEB, 2011.

BRASIL. Guia de livros didáticos: PNLD 2015, Sociologia. Brasília: MEC / SEB, 2014.

BRASIL. Guia de livros didáticos: PNLD 2018, Sociologia. Brasília: MEC / SEB, 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse estatística da Educação Básica 2019. Brasília: Inep, 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 30 ago. 2020.

UMA ANÁLISE SOBRE A INTERSECCIONALIDADE ENTRE RAÇA E GÊNERO NOS LIVROS DE SOCIOLOGIA DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (PNLD)

Mariana Alves de Sousa

Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Campus Marília

E-mail: mrianalvs@gmail.com

O resumo que se introduz é parte resultante da pesquisa de mestrado e objetivou averiguar em que medida a discussão acerca da interseccionalidade entre raça e gênero é feita nos livros didáticos de Sociologia, aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2012, 2015 e 2018, com base nos recortes temáticos de “identidade”, “desigualdades” e “movimentos sociais”.

Os estudos de Nilma Lino Gomes (2003) nos permitem notar a importância de atentar aos fenômenos sociais que ocorrem nas escolas, tendo em vista que esta representa um espaço onde não são compartilhados apenas conteúdos escolares, mas também é se constituem aspectos basilares das identidades dos sujeitos (GOMES, 2003, p. 170). Nesse sentido, é necessário reconhecer a relevância de aprofundar a compreensão dos(as) alunos(as) em relação aos fenômenos sociais estruturados na sociedade e que se reproduzem nos espaços e nos saberes escolares.

Inicialmente apresentada por Kimberlé Crenshaw (1989)¹, a interseccionalidade é uma ferramenta teórico-metodológica proveniente dos esforços intelectuais e políticos de feministas negras, capaz de evidenciar as sobreposições estruturais entre o racismo, sexismo e demais formas de violências que perpassam a realidade social e produzem a discriminação de mulheres negras (CRENSHAW, 1991, p. 54 apud ASSIS, 2019, p. 19). Sendo assim, é possível relacionar as potencialidades que a abordagem interseccional, e os pressupostos das Orientações Curriculares Nacionais (OCN) sobre o Ensino de Sociologia apresentam.

¹ Versão original: *Desmarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=ucf>. Acesso em: 19 ago. 2020.

Foram analisados capítulos dos livros didáticos de Sociologia que integraram o PNLB até 2018, que abordam as temáticas de “identidade”, “desigualdades” e “movimentos sociais”. Nesse sentido, a pesquisa problematizou a pouca incidência do conceito de interseccionalidade nos livros e forma que a abordagem interseccional em si, acerca dos marcadores sociais da diferença “raça” e gênero”, foi aparentemente realizada.

A pesquisa demonstrou que dentre os livros “Sociologia para o Ensino Médio” (2007); “Tempos Modernos, Tempos de Sociologia” (2010); “Sociologia” (2016); “Sociologia em Movimento” (2016); “Sociologia Hoje” (2013); e “Sociologia Para Jovens do Século XXI (2016)”, apenas um deles (“Sociologia em Movimento”) apresenta de forma específica o conceito de interseccionalidade por meio da discussão de gênero, sexualidades e identidades. Em geral, os demais livros apresentam as categorias de raça e gênero separadamente e a abordagem interseccional é percebida como metodologia para evidenciar os indivíduos que estão em maior situação de vulnerabilidade social.

De fato, a interseccionalidade é um instrumento que nos permite ampliar os eixos de poder e dominação que atravessam a realidade social de mulheres negras, mas também representa os esforços das intelectuais negras em evidenciar que essas mulheres possuem protagonismo no campo da produção dos saberes. Esse protagonismo tem feito com que mulheres e jovens negras possam interpretar suas realidades e articular suas pautas políticas, de modo a terem autonomia sobre suas próprias narrativas.

Tanto a interseccionalidade, quanto o ensino da disciplina e seus processos de estranhamento dos fenômenos sociais e desnaturalização do senso comum, possibilitam ampliar a discussão sobre racismo e desigualdades de gênero em sala de aula, de forma que jovens negras possam interpretar sua realidade social a partir da compreensão dos conceitos, temas e teorias possíveis de serem abordados nas intersecções entre raça e gênero. Portanto, é importante que essas referências estejam amplamente contidas no campo do Ensino de Sociologia, vislumbrando a construção de uma educação emancipadora, capaz de propiciar a formação cidadã a todos(as) os(as) educandos(as) e o reconhecimento da identidade etnicorracial de jovens negras.

Referências

ARAÚJO, Silvia Maria de.; BRIDI, Maria Aparecida; MORIM, Benilde Lenzi. **Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Editora Scipione, 2016.

ASSIS, Dayane N. Conceição de. Feminismos negros e interseccionalidade no contexto norte-americano. *In: Interseccionalidades*. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação à Distância, 2019.

BRASIL. **Ciências humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3).

BOMENY, Helena *et al.* **Tempos modernos, tempos de Sociologia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2010.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

MACHADO, Igor José de Renó; AMORIM, Henrique; BARROS, Celso Rocha de. **Sociologia hoje**. São Paulo: Ática, 2013.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar Rocha da. **Sociologia para jovens do século XXI**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Imperial Novo Milênio, 2016.

SILVA, Afrânio *et al.* **Sociologia em movimento**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

TOMAZI, N. D. **Sociologia para o Ensino Médio**. São Paulo: Atual, 2007.

WERNECK, J. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**, [S.l.], v. 25, n. 3, p.535-549, set. 2016. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v25n3/1984-0470-sausoc-25-03-00535.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2018.

REPRESENTAÇÕES DO NORDESTE NO LIVRO DIDÁTICO DE SOCIOLOGIA

Paloma Maria Rodrigues Augusto

Universidade Federal Fluminense (UFF)

E-mail: palomariaaugusto@gmail.com

Nesta exposição, apresentarei brevemente os dados obtidos em pesquisa realizada que visou analisar de que modo o Nordeste brasileiro e os nordestinos são representados e/ou referidos em um livro didático de Sociologia para o Ensino Médio adotado por escolas públicas brasileiras através do Programa Nacional do Livro Didático de 2018 para o Ensino Médio (BRASIL, 2017), no triênio 2018-2020. Dentre os cinco livros que foram recomendados pelo programa² optei por aquele que foi o mais adotado³ pelas escolas públicas do país inteiro, Sociologia em Movimento (SILVA *et al*, 2016).

Na pesquisa, optei por uma análise crítica do livro Sociologia em Movimento (SILVA *et al*, 2016), em que me deparei, em 400 páginas, com pouco mais de 70 ocorrências de menções ou referências ao Nordeste e a nordestinos, na maior parte em ilustrações, com poucas referências a cientistas sociais nordestinos.

O livro analisado foi escrito por 17 autores, dos quais apenas 1 não é professor da educação básica, mas exclusivamente do magistério superior, com 16 deles atuando na educação básica lecionando Sociologia, dentre eles 11 professores efetivos do Colégio Pedro II, instituição federal localizada no Rio de Janeiro. Trata-se, portanto, de uma obra escrita fundamentalmente por professores com prática de sala de aula na educação básica, ainda que possuam em sua maioria a titulação de mestre ou doutor.

A obra está dividida em 6 unidades subdivididas em 15 capítulos: (1) Sociedade e conhecimento: a realidade social como objeto de estudo; (2) Cultura e sociedade: cultura, poder e diversidade nas relações cotidianas; (3) Relações de poder e movimentos sociais: a luta pelos direitos na sociedade contemporânea; (4) Mundo do trabalho e desigualdade social; (5) Globalização e sociedade do Século

² Motim *et al.*, 2016; Barros *et al.*, 2016; Bomeny *et al.*, 2016; Silva *et al.*, 2016 e Oliveira; Costa, 2016.

³ Conforme dados do PNLD 2018 na página do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação do Ministério da Educação <Disponível em <https://www.fnnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos> Último acesso em 20/09/2020>

XXI: dilemas e perspectivas e (6) A vida nas cidades do Século XXI – questões centrais de uma sociedade em construção.

Seguindo a divisão do próprio livro, verifiquei de que forma o Nordeste e os nordestinos aparecem no texto e nas imagens que compõem o livro, a cada uma de suas seções, à guisa de uma “ida a campo”, obtendo os dados da conclusão a seguir.

Em resumo, constatei que as menções ao Nordeste e aos nordestinos no livro *Sociologia em Movimento* não contemplam, infelizmente, com maior profundidade as possibilidades, a variedade e a importância desta região e dos autores dela oriundos para os temas discutidos em seus respectivos capítulos e unidades. Predomina um olhar eurocêntrico sobre o conhecimento sociológico, sendo o Brasil tratado na maior parte das vezes a partir de categorias produzidas por autores estrangeiros tendo em vista outras sociedades, quando teorizaram, especialmente as sociedades europeias.

As imagens e menções aos autores nordestinos, ou à população nordestina, no livro analisado me permitiu avaliar que o Nordeste e os nordestinos são tratados neste livro de modo dissociado das amplas transformações pelas quais a região e sua população tem passado nas últimas duas décadas, apesar da coexistência com a pobreza, pobreza existente também nos centros urbanos que possuem imagens mais positivas veiculadas no livro, como as capitais do Sudeste. Além disso, quando há sugestão à leitura de algum autor nordestino, geralmente da Literatura, como Jorge Amado ou Graciliano Ramos, tais sugestões carecem de maior contextualização e maior relação com os capítulos em que se deram.

Por fim, as imagens sobre o Nordeste presentes no livro, em sua maioria, reforçam um estereótipo sobre a região que, se avaliarmos globalmente junto às demais menções aos nordestinos e à região, acaba por deixar de transmitir uma perspectiva sociológica sobre a mesma, reforçando concepções do senso comum a respeito do Nordeste perante o Sudeste, onde se concentram todos os autores do livro analisado.

Referências

BARROS, Celso *et al.* **Sociologia Hoje**. São Paulo: Ática, 2016.

BOMENY, Helena *et al.* **Tempos Modernos, Tempos de Sociologia.** São Paulo: Editora do Brasil, 2016.

BRASIL. **Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2018: Sociologia – guia de livros didáticos – Ensino Médio/ Ministério da Educação – Secretaria de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.** Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017.

MOTIM, Benilde *et al.* **Sociologia.** São Paulo: Scipione, 2016.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes; COSTA, Ricardo. **Sociologia para Jovens do Século XXI.** Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.

SILVA, Afrânio *et al.* **Sociologia em Movimento.** São Paulo: Moderna, 2016.

O CINEMA EM SOCIOLOGIA PARA JOVENS DO SÉCULO XXI E EM SOCIOLOGIA PARA O ENSINO MÉDIO: um estudo preliminar

Venâncio José Michiles Marinho

Secretaria de Qualidade de Educação do Estado do Amazonas
Escola Estadual de Tempo Integral Maria Rodrigues Tapajós
E-mail: venancio.mmarinho@gmail.com

O trabalho visa examinar se e como as mídias visuais, especialmente as obras cinematográficas, figuram em dois livros didáticos distintos de Sociologia para o Ensino Médio: *Sociologia para Jovens do Século XXI*, de Luiz Fernandes de Oliveira e Ricardo Cesar Rocha da Costa, e *Sociologia para o Ensino Médio*, de Nelson Dacio Tomazi.

Acusada de ser uma disciplina por demais “abstrata”, e mesmo “inútil”, no currículo escolar, acredita-se que, por sua natureza representativa, tais obras possam aproximar das premissas e conceitos próprios da Sociologia Escolar a realidade imediata dos educandos por seu intermédio. Contudo, em virtude da inconstância curricular da disciplina desde o início dos anos 1980 até os presentes dias, por um lado, e das transformações correlacionadas à incorporação das Tecnologias da Informação e Comunicação, e de suas mídias, nos ambientes escolares, por outro, só muito recentemente a temática passou a ser considerada no âmbito da pesquisa da Sociologia no Ensino Médio.

Neste sentido, o trabalho objetiva averiguar os modos pelos quais as mídias visuais, particularmente os produtos da indústria cinematográfica, são apreendidos pelos autores dos livros didáticos aqui examinados e, desta forma, como são encarados enquanto ferramentas (ou recursos) com finalidades educacionais, visando os processos de ensino e aprendizagem.

Parte-se da hipótese de que cada um destes “manuais” representa um momento específico da disciplina no currículo escolar e, portanto, o cinema, como ferramenta pedagógica, oscilaria entre a completa ausência e uma presença relativamente tímida, uma vez que pode emergir como referência temática estando, todavia, relegado a segundo plano do ponto de vista didático-pedagógico.

O trabalho se debruça sobre Sociologia para Jovens do Século XXI, de Luiz Fernando de Oliveira e Ricardo Cesar Rocha da Costa, e Sociologia para o Ensino Médio, de Nelson Dacio Tomazi. Para este livro, não pudemos contar com um manual do professor e, por este motivo, a obra figura como um “grupo de controle”, pois seria impossível indagar com justeza epistemológica como as produções cinematográficas apresentam-se nela em uma perspectiva comparada e relacional.

Deixou-se de lado a recorrência de uma mesma produção cinematográfica para temas e conteúdos diferentes em ambos os textos. Preocupamo-nos exclusivamente com a questão propriamente numérica do “dado bruto”, ou seja, quantos filmes cada obra carrega em seu bojo.

A partir de uma metodologia inspirada na teoria dos campos de Pierre Bourdieu e na análise de textos literários de Pável Nikoláievitch Mediviédev, pretendeu-se observar os textos didáticos e correlacioná-los aos seus autores, com vistas a compreender suas perspectivas pedagógicas acerca das obras cinematográficas e, assim, voltar aos textos para ampliar seu entendimento.

Destarte, pode-se dizer que o trabalho adota uma perspectiva que não pode ser entendida simplesmente como comparativa, mas relacional, pois se firma na teoria dos campos (e “subcampos”) de Pierre Bourdieu. Concomitantemente, parte dos próprios textos didáticos, visando atingir seus autores e, posteriormente, voltar ao texto após esse primeiro movimento lógico, percorrendo a primeira metade dos procedimentos metodológicos instituídos por Pável Nikoláievitch Mediviédev.

Parte-se dos livros didáticos para, depois, seguirmos em direção às particularidades, às concepções, às “visões de mundo” – aos esquemas de percepção, representação e ação – de seus autores.

A “ponte” entre texto e autor, contudo, nos será fornecida por entrevistas relacionadas diretamente aos livros didáticos e às experiências pedagógicas quanto ao ensino de Sociologia no Ensino Médio, tão logo não exista nenhum trabalho biográfico sobre Luiz Fernandes de Oliveira, Ricardo Cesar Rocha da Costa e Nelson Dacio Tomazi.

Por outro lado, a produção destes textos não pode ser desvinculada de um exclusivo espaço de produção e circulação, que não se restringe apenas às três séries do Ensino Médio, pois abarca todo um conjunto de atores sociais que vai dos autores,

perpassando as instâncias e agentes do mercado editorial de livros didáticos, até o público dos educandos e de outros autores de livros didáticos de sociologia.

Nesse “subcampo” – ou “campo ideológico” – os produtores de livros didáticos travam as maiores batalhas pedagógico-intelectuais pela disputa de uma posição privilegiada, valendo-se de inúmeras estratégias, refletidas – ou “refratadas” – no próprio texto. Uma delas é a inclusão das mídias visuais, como as produções cinematográficas da indústria cinematográfica.

Embora para os fins do artigo não possamos examinar a história da institucionalização da disciplina na Educação Básica no Brasil, e correlacionar o atual contexto histórico e social aos autores e obras, é possível escrutinar os textos à procura de indicadores (como é o caso da própria obra cinematográfica) de um ponto de vista que compreenda e, inclusive, recomende o cinema como um recurso didático-pedagógico para fins de transposição didática dos conteúdos da Sociologia.

Na apresentação de *Sociologia para jovens do século XXI*, os autores expõem seu principal objetivo: “Abrir um diálogo com um grande público – os jovens brasileiros do século XXI – e buscar outra visão além do que chamamos senso comum”. Quer dizer: transpor didaticamente as premissas epistemológicas da ciência sociológica em uma linguagem “mais acessível” para os educandos do Ensino Médio (FERNANDES DE OLIVEIRA; ROCHA DA COSTA, 2016, p. 3).

Tal empreendimento, por sua vez, está estruturado da seguinte forma:

Os capítulos do livro começam com a apresentação dos fatos e ideias da vida cotidiana. Os conceitos sociológicos são introduzidos e aprofundados a partir de uma problematização inicial de como esses fatos e ideias são formulados no nível do *senso comum*. São também utilizados tabelas, gráficos, mapas, ilustrações e imagens que estimulam uma reflexão crítica do estudante sobre os temas discutidos. Ao final de cada capítulo, são listadas questões que possam sintetizar e sistematizar o assunto em debate, propostas de dinâmica para trabalho em sala de aula, propostas de pesquisas e de outras leituras de livros, uma *filmografia*, uma relação de sites e a indicação de letras de música. Uma *inovação* que apresentamos nesta edição é a indicação de jogos que possam contribuir sobre a reflexão do tema desenvolvido. (FERNANDES DE OLIVEIRA; ROCHA DA COSTA, 2016, p. 3, grifos nossos)

Este primeiro excerto nos mostra o quanto as mídias em geral, e as mídias visuais em particular, perpassam os livros didáticos escolhidos como objetos didático-pedagógicos cruciais para os processos de ensino e aprendizagem. Ambos

estão repletos de fotografias, charges, desenhos e infográficos que, no entanto, não serão tomados como unidades de análise. Ademais, podemos adiantar a existência de outro indicador do ponto de vista que pressupõe a hipótese do trabalho: o espaço cedido aos jogos eletrônicos, com explícitas recomendações de como complementar o estudo do conteúdo temático de cada capítulo do livro, de acordo com os objetivos de cada jogo.

Em *Sociologia para o ensino médio*, em contrapartida, não há sequer a menção a este tipo de atividade, embora as Tecnologias da Informação e Comunicação estejam representadas sob a forma de Blogs.

Por sua vez, quando se trata das obras cinematográficas do ponto de vista quantitativo, a observação consegue apreender a discrepância entre os dois textos.

O livro de Tomazi conta com vinte e um (21) filmes na seção “sugestão de filmes” que se encontra ao final de cada unidade. Logo, em comparação com *Sociologia para jovens do século XXI*, apresenta um déficit de recomendações. Por outro lado, oito (8) títulos são apresentados fora dessa seção, ao lado de duas (2) animações. Estas referências exemplificam os argumentos do autor sobre ideologia e indústria cultural, mas, diferentemente dos outros títulos, suas sinopses não são disponibilizadas, o que denota ainda mais sua função de “ilustração”. Outro dado que sobressai da observação é o fato de que imagens de dois Mangás – as histórias em quadrinhos de origem japonesa – figuram entre os conteúdos sobre trocas culturais, um tipo de mídia visual que não se encontra em *Sociologia para jovens do século XXI* (TOMAZI, 2013).

Sociologia para jovens do século XXI, por seu turno, dispõe de apenas um (1) título cinematográfico fora de sua sessão interatividade. Por um acaso, os autores o escolheram como apoio aos seus comentários também sobre as trocas culturais, e é interessante notar que a estratégia de Tomazi levou em consideração lançar mão de outro recurso visual, não se restringindo somente ao uso de filmes (FERNANDES DE OLIVEIRA; ROCHA DA COSTA, 2016; TOMAZI, 2013).

Por se tratar de um manual do professor, *Sociologia para jovens do século XXI* tem a vantagem de contar com todo um espaço reservado exclusivamente para docentes, que se encontra ao final do livro. Aí, encontramos o “ponto de vista” decisivo sobre como filmes podem ser utilizados em sala de aula:

Esta subseção [**filmes**] é composta pela indicação de dois longas e/ou curta-metragens e/ou documentários, além da sugestão, [...], de outra obra cinematográfica relevante [...]. Cabe ao professor propor a projeção – [...] – seguida do debate sobre os temas apresentados por esses filmes, na perspectiva dos conteúdos e conceitos apreendidos nas aulas de Sociologia. A exibição de filmes é um recurso bem *agradável* para os estudantes. No entanto, há que se ter um método para a utilização desse recurso, para que a exibição não se transforme em um simples passatempo.

Primeiro, é necessário ter conhecimento dos filmes indicados no livro. O professor deve assisti-los antes, pensar nos objetivos do capítulo e, em seguida, fazer uma resenha. A partir da resenha, planejar a exibição, que poderá ser durante o estudo do texto ou ao final do capítulo. Cabe ao professor decidir isto, em função do ritmo de estudo dos alunos. Antes da exibição, ele deve expor sinteticamente o conteúdo do filme, explicitando os objetivos e solicitando aos estudantes que anotem o que tem relação com o assunto tratado no capítulo. Essas anotações podem ser orientadas com questões objetivas:

- Qual o tema principal do filme?
- Quais são as relações entre o filme e o assunto tratado no capítulo
- Que conclusões você tirou após assistir ao filme e ao que ele diz a respeito das principais questões, conceitos ou teorias abordados no capítulo?

Ao final da exibição, o professor deve promover um momento em que os alunos possam expressar suas opiniões com base em suas anotações. Em seguida, o professor poderá levantar questões a partir do seu próprio olhar sobre o filme. Este momento é importante, pois pode revelar aos estudantes as possibilidades de análise sociológica sobre aquele filme e suas relações com os conceitos e as teorias. Caso algum estudante já tenha visto anteriormente o filme, esse momento se torna ainda mais relevante, pois é a oportunidade de exercer a sua *imaginação sociológica*. Pois, talvez, na visão anterior desse mesmo filme, ele estivesse orientado apenas para o próprio entretenimento – sem preocupação em aproveitar o momento para uma reflexão com base na análise sociológica. (FERNANDES DE OLIVEIRA; ROCHA DA COSTA, 2016, p. 417- 418, grifos do autor)

Portanto, a obra conta com um total de setenta e dois (72) títulos cinematográficos com suas respectivas sinopses incluídas. É mais que o dobro de títulos presentes no livro de Nelson Dacio Tomazi. Este é outro dado relevante, tendo em vista o levantamento que os autores realizaram para inseri-los nos dois casos. Ademais, como transcrito acima, existe uma clara e estruturada sugestão metodológico quanto ao uso das obras cinematográficas em sala de aula.

Comparativamente, tais obras ficam distribuídas do seguinte modo:

Tabela 1 -

Categorias	Sociologia para Jovens do Século XXI	Sociologia para o Ensino Médio
Documentário	20 títulos	4 títulos
Animação	2 títulos	2 títulos
Drama	23 títulos	4 títulos
Ação/ Aventura	9 títulos	12 títulos
Comédia	7 títulos	7 títulos
Ficção Científica	2 títulos	1 título
Biografia	9 títulos	1 título
Total	72 títulos	31 títulos

Salientamos a questão quantitativa porque é uma premissa sociológica compreender que antes de qualquer mudança qualitativa, uma mudança quantitativa deve ser operar na estrutura da sociedade. Karl Marx, Friedrich Engels e Émile Durkheim, a despeito de suas tradições intelectuais distintas, concordam quanto a esse ponto. Em *A ideologia alemã* e nas *Regras do método sociológico* o leitor pode encontrar os argumentos que sustentam esta hipótese que, todavia, só podemos sugerir no momento (DURKHEIM, 2014; MARX; ENGELS, 1998).

Aliás, somente a sugerimos porque o livro didático, como toda literatura ou obra de arte, é produto de um contexto histórico, político e social correspondente, e não seria impossível perceber os indicadores de uma mudança social nos textos aqui observados. Ademais, não será necessário enumerar as contribuições de uma sociologia da cultura e da literatura para tais fins, tendo em vista que não a delinaremos com maior precisão.

A trajetória acadêmica de seus respectivos autores é uma variável que não pode ser ignorada, pois implica os objetivos e as estratégias pedagógicas que marcam seu engajamento no “subcampo” do ensino de Sociologia. Neste sentido, tanto o fator idade quanto o fator formação contribuíram na constituição e organização dos livros didáticos. Assim, é possível defender a ideia que distintas formações determinam o modo de construção de seus respectivos textos.

As trajetórias de Luiz Fernandes de Oliveira e Ricardo Cesar Rocha da Costa se cruzaram quando ambos foram incumbidos de lecionar no Ensino Médio-Técnico:

Nós começamos a lecionar Sociologia no Ensino Médio, juntos, em 1999 na Escola Técnica Estadual República da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Rio de Janeiro (FAETEC). Quando chegamos a esta escola encontramos

uma ‘apostila’ com texto de várias fontes e livros de sociologia. No ano seguinte, não estávamos satisfeitos com a aplicação dos textos, pois eram descontextualizados e alguns reproduziam uma linguagem acadêmica, [...]: exigia-se que o aluno aprendesse conceitos [...], noções científicas do campo da Sociologia, discutidas de forma acadêmica e apresentadas sem uma adequação à realidade do Ensino Médio. Assim, começamos a elaborar os nossos próprios textos em uma nova ‘apostila’ de forma mais contextualizada e com linguagem mais adequada. Os textos, até 2002, foram reformulados ano a ano. Em 2003, surge a ideia de escrever um livro para a realidade do Ensino técnico-profissional. Na origem do projeto, estavam 6 professores de sociologia da escola, mas pelas circunstâncias da época, somente nós dois ficamos no projeto até o final.

Historicamente mais afastado da consolidação da disciplina no Ensino Médio, Nelson Dacio Tomazi, ao recordar, em entrevista, sua inserção no “subcampo”, ilumina os contrastes entre as três trajetórias e sua relação com a Sociologia Escolar:

Nunca fui professor de Sociologia no Ensino Médio. Em 1993 foi publicado o meu primeiro livro de Sociologia para o Ensino Médio – Iniciação à Sociologia. Coordenei o livro, que teve mais cinco autores, todos na época professores do Departamento de Ciências Sociais da UEL. Em 1997, [...], publiquei o livro Sociologia da Educação também para o Ensino Médio. Em 2007 publiquei o livro, (agora sozinho) Sociologia para o Ensino Médio. Todos pela Editora Atual.

Pelo fato da publicação destes livros, desde 1994, fui a muitos lugares, enviado pela Editora Atual para divulgação dos mesmos. Como não havia nenhum livro novo de Sociologia para o Ensino Médio, o Iniciação à Sociologia teve uma repercussão muito boa e a partir de então, passei a ser convidado, por alunos e professores de muitas universidades e também de escolas públicas e particulares, para dar palestras para alunos e cursos/oficinas para professores e futuros professores de Sociologia do Ensino Médio. Assim, durante 14 anos, inicialmente fui coletando informações e referências para a confecção/publicação do livro Sociologia para o Ensino Médio, agora totalmente diferente do anterior em termos de linguagem e apresentação. Após 1993 passei a participar de inúmeros Congressos da SBS [Sociedade Brasileira de Sociologia] e também de muitos Encontros, Seminários, Semanas acadêmicas, Simpósios..., locais, regionais e nacionais que tinham como tema a Sociologia no Ensino Médio. Este foi o meu caminho para conhecer esse nível de Ensino, sua estrutura, seus alunos e professores, bem como o que estava acontecendo (BODART, 2019, p. 107-108).

Percebe-se dois tipos de adesão e engajamento quanto ao ensino de Sociologia no Ensino Médio: um que nasce de uma necessidade “prático-pedagógica”, e outro que surge de uma forma mais espontânea, que poderíamos denominar, como extensão de seus desdobramentos acadêmicos, “editorial-militante”, pois o próprio Nelson Tomazi aponta “o acaso e a coincidência” como principais fatores de sua incursão na produção de seu primeiro livro didático (BODART, 2019, p.108).

Segundo Tomazi, uma indicação para a tarefa e a lacuna existente em função da péssima qualidade dos livros didáticos de Sociologia para o Ensino Médio, nos anos 1990, teriam sido os responsáveis pela oportunidade editorial a qual se agarrou e através da qual abriu as portas do mercado editorial para a produção de material didático de qualidade superior e para a reentrada da temática no ambiente intelectual brasileiro ao final do século XX (BODART, 2019, p. 108-109).

Quando Sociologia para o Ensino Médio é lançado, em 2007, Tomazi já havia adquirido, além da experiência necessária para a empreitada, material suficiente para reformular os objetivos pedagógicos de sua nova obra. Isso lhe garante a dianteira no espaço de produção editorial e, por isso, torna-se um marco estruturante para a elaboração de propostas pedagógicas e curriculares em território nacional. A fragilidade da Sociologia como componente curricular para o Ensino Médio explicaria em parte a vantagem da qual Tomazi desfrutara no período, pois sua obrigatoriedade neste nível de ensino só fora estabelecida a partir de 2008. Pode-se, inclusive, caracterizar o estado do “subcampo” quanto às disputas e estratégias dos atores por uma posição segura naquele momento histórico específico.

Uma resposta sobre a questão é induzida quando se interpela se “havia, na época da produção do livro didático, disputa de grupos por definição de currículo, ou coisas do tipo, que foram consideradas naquele momento e que tenha, de alguma forma, influenciado as escolhas [dos conteúdos]?”. A resposta de Tomazi deixa claro o quanto a ordem editorial e curricular, no que tange à Sociologia no Ensino Médio, poderia ser considerada anômica no sentido da falta de uma organização legal e formalizada, nos primeiros anos da década de 2000, antes de obrigatoriedade da disciplina: “Muito pelo contrário. O livro é que teve influência na construção de propostas curriculares de alguns estados da federação” (BODART, 2019, p. 115).

Assim, Sociologia para o Ensino Médio nasce um clássico e, ainda hoje, é considerado um material de excelente qualidade, muito recomendado por professores para professores em início de carreira e ainda muito utilizado nos sistemas de ensino de alguns entes federativos. É sua natureza inaugural no “subcampo” que lhe confere a força estruturante da qual se reveste neste mesmo espaço de produção de materiais didáticos.

É importante esclarecer algumas questões a respeito da cronologia de produção dos livros didáticos aqui observados.

Como se pode averiguar na entrevista, a primeira edição de Sociologia para Jovens do Século XXI fora publicada ainda em 2003 (com apenas 500 exemplares), ou seja, antes da primeira edição do livro de Tomazi, datado de 2007. Em 2004 e 2005, conforme os autores, a obra passou por correções e reformulações e, a partir de sua repercussão, teve sua segunda edição publicada em 2005. Daí até 2013 o livro passou por novas mudanças até chegar ao seu formato atual. Portanto, quando dissemos que o livro de Tomazi nasce um clássico o que também se quer afirmar é, que em grande medida, o autor é uma referência para a produção de livros didáticos de Sociologia para o Ensino Médio.

Luiz Fernandes de Oliveira e Ricardo Cesar Rocha da Costa têm a mais plena consciência desse fato. De acordo com os próprios autores:

Na época, começamos a ocupar um espaço que não prevíamos, pois as referências de livro didático eram somente Pêrsio Santos de Oliveira e Nelson Tomazi. Em 2004, o professor Flávio Sarandy nos disse que o nosso livro iria ocupar um espaço importante na história do Ensino de Sociologia no Ensino Médio, pois poucos colegas do campo da sociologia não tinham [sic] a ‘ousadia’ de escrever um livro didático. Com a surpreendente repercussão, baseado em críticas e sugestões de modificação de conteúdos por parte de vários colegas professores de vários estados, fomos convidados a publicar o livro por uma outra editora, em 2006: a editoria Imperial Novo Milênio, antiga editora Ao Livro Técnico. (Entrevista concedida ao blog Café com Sociologia, disponível em <<https://pt.slideshare.net/LuizFernandesdeOliveira/historia-da-construo-de-um-livro-didtico-sociologia-pnld-2015>>. Acesso em 24 de jul.)

À primeira vista, pareceria apenas um dado com o objetivo de confirmar o que foi dito sobre a qualidade e primazia da obra de Tomazi no espaço editorial dos livros didáticos de Sociologia para o Ensino Médio. Todavia, a transcrição ressalta o campo (e, conseqüentemente, o “subcampo”) de forças da sociologia no qual todos esses atores se encontram em disputa por uma posição segura e proeminente. Não é por acaso que os editores do Blog Café com Sociologia referem-se à “história do Ensino de Sociologia no Ensino Médio”, uma vez que, como pesquisadores desta linha de pesquisa – ou desta temática e, mais certamente, deste “subcampo” de pesquisa –, encontram-se engastados e engajados por completo nos entraves epistemológicos (e, por isso, “ideológicos”)

que a estruturam institucionalmente em território nacional. Ademais, o que o “professor Flávio Sarandy” compreende como ousadia por parte dos autores em escrever e publicar um livro didático nada mais é que a tomada de uma posição que ambos adotam ao levar adiante tal estratégia didático-pedagógica, tendo em vista o tamanho do empreendimento literário.

Assim a relação entre a presença e o uso, nos livros didáticos, de obras cinematográficas como recursos didático-pedagógicos, para os conteúdos de Sociologia e este “subcampo” da Sociologia no Ensino Médio consiste na conexão destes livros com seu o público alvo: os estudantes do Ensino Médio.

Sociologia para o Ensino Médio e Sociologia para Jovens do Século XXI não compartilham dos mesmos esquemas de percepção e representação da realidade. Logo, isso se reflete na estética (ou, se preferirem, estilística) dos textos. Com efeito, uma forma de atrair a atenção deste público estudantil é apostar no emprego abusivo de imagens, o que por acaso já mencionamos na seção anterior. No entanto, não há um corpo de regras pré-estabelecidos para a inclusão deste material na estrutura dos textos. Nelson Dacio Tomazi é claro quanto a isso. “A maioria das imagens foram sugeridas pela editora”, nos diz ele quando questionando a respeito da seleção das mesmas, e afirma: “A mim, cabia referendar ou não, sugerindo poucas. A maioria foi referendada” (BODART, 2019, p. 112).

Fica evidente o protagonismo da editora na construção estético-estilística da obra de Tomazi. Embora tenha escrito o livro sozinho “baseado no que entendia ser mais abrangente e importante para ensino e conhecimento da Sociologia”, pode-se dizer que o autor foi convocado para esta tarefa e pôde contar com a disponibilidade de recursos que Luiz Fernando de Oliveira e Ricardo Cesar Rocha da Costa muito provavelmente não puderam contar (BODART, 2019, p.111).

Outro dado que diz respeito à natureza do público alvo e sua importância na confecção dos livros diz respeito à acessibilidade da linguagem dos textos. Nesse quesito, a vantagem é Sociologia para jovens do século XXI, uma vez que seus autores, assim como Nelson Dacio Tomazi, ao ingressarem no circuito acadêmico (de palestras, seminários, eventos, etc.) do Ensino de Sociologia para o Ensino Médio, adotaram uma postura mais “coletiva” no sentido de trocar experiências com professores de Sociologia do Ensino Médio de outras regiões do

país. A passagem a seguir demarca precisamente a cisão dentro do “subcampo” entre os dois livros em questão:

Veja, o atual livro aprovado no PNLD 2015 é resultado de uma história acumulada de parcerias e reflexões pedagógicas no meio acadêmico dos campos da sociologia e da educação mas, principalmente, da nossa experiência em sala de aula no Ensino Médio (o Prof^o Ricardo Cesar desde 1987 e Prof^o Luiz Fernandes desde 1999 até 2010). [...] ao longo desses anos, percebemos que não é possível pensar a sociologia no Ensino Médio a partir dos parâmetros de ensino da graduação em ciências sociais [o que em larga escala deve estruturar o livro de Tomazi, que não possui experiência alguma no Ensino Médio]. A sociologia no EM precisa ser didatizada, se encontrar com o contexto real dos jovens e adolescentes, de forma plural e dinâmica, pois um jovem de periferias urbanas é um, e o jovem dos grandes centros econômicos é outro, sem falar das variações regionais e culturais brasileiras. Por isso a linguagem que usamos no livro. Que, por vezes, foi criticada por alguns sociólogos, restritos ao mundo acadêmico, que não conhecem a realidade da escola [que, novamente, é o caso de Tomazi]. No Ensino Médio não podemos ter a pretensão de formar mini-sociólogos, mas iniciar os jovens na compreensão da realidade social de forma significativa e aproximá-los aos conceitos da ciências sociais. Outra marca do nosso livro é o diálogo teórico que fazemos com o campo da educação. No manual do professor, por exemplo, refletimos como o ensino de sociologia precisa apreender o acúmulo de experiência que outros campos do conhecimento tiveram na sua inserção na educação básica. Por exemplo: num debate com alguns professores de Geografia em Goiás, estes afirmavam que o debate atual sobre a seleção de conteúdos em sociologia lembrava muito a reflexão que a comunidade científica de geografia fazia há 20 anos. Ou seja, não havia um consenso sobre quais conceitos seriam importantes para lecionar geografia no Ensino Médio e no Ensino Fundamental. Diziam que estamos no caminho certo, mas que era necessário contextualizar os conceitos a partir de uma situação de aprendizagem dos jovens que não é a mesma da graduação. Pois bem, esta discussão é clássica no campo da pedagogia e da educação em geral e tentamos fazer isso com nosso livro, na medida em que selecionamos temas e conceitos bem próximos a realidade da condição juvenil brasileira. Por último, uma formulação nova, diferente de outros livros que conhecemos, é o diálogo com outras disciplinas. Nesta atual edição fizemos uma parceria com 15 professores do Ensino Médio e Fundamental de diferentes áreas para formular textos e atividades em (História, Geografia, Filosofia, Artes Plásticas, Língua Portuguesa, Literatura, Educação Física, Matemática, Química, Biologia e Física). Ao final de cada capítulo esses professores escreveram textos de reflexão de sua disciplina, em diálogo com a sociologia, para um maior entendimento dos temas, conceitos e teorias abordados nos capítulos. E, no manual do professor, estes mesmos professores produziram atividades e exercícios que levam os estudantes a refletirem sobre o tema e permite que o professor de sociologia trabalhe de forma interdisciplinar na escola. Enfim, acreditamos que essa inovação é fruto de uma longa reflexão coletiva que fizemos, pensando numa educação de qualidade socialmente referenciado e, sobretudo, de caráter político emancipatório. (Entrevista concedida ao Blog Café Com Sociologia, disponível em <<https://pt.slideshare.net/LuizFernandesdeOliveira/histria-da-construo-de-um-livro-didtico-sociologia-pnld-2015>>. Acesso em 20 de Jul. de 2019, grifos nossos).

A exaustão da resposta explora todo o escopo do presente artigo, na medida em que a natureza comparativa-relacional do ponto de vista metodológico adotado faz emergir as semelhanças e dessemelhanças dos livros didáticos observados – o que de nossa perspectiva é muito mais enriquecedor do que apenas identificar contrastes entre ambos e “escolher um lado”, julgando o outro como “obsoleto”, “insuficiente”, etc⁴.

Desta forma, fica claro que o núcleo norteador da construção de Sociologia para Jovens do Século XXI é seu público específico (pendendo com mais intensidade para o lado dos estudantes, tendo em vista que os professores também fazem parte desse conjunto). Por isso esta preocupação em angariar recursos da experiência pedagógica tanto de professores de Sociologia quanto de outras disciplinas do Ensino Médio. Sua preocupação diz menos respeito à natureza clássica da temática sociológica, como no caso de Tomazi, do que aos modos de sua transposição didática (BODART, 2019, p. 111).

Isto se confirma no excerto transcrito acima, nas referências à história pedagógica de Geografia e nas propostas de atividades interdisciplinares. Não é nenhum exagero supor que, ao longo desta trajetória “coletiva e reflexiva”, o uso de obras cinematográficas tenha surgido como uma forma de contornar o problema da densidade dos conteúdos da disciplina, como recursos didático-pedagógicos capazes de aproximar da realidade dos educandos daqueles conceitos e teorias de que falava Nelson Tomazi. Importante é compreender o fato de que os pontos de vista “ideológicos” – ou os esquemas de percepção e representação da realidade – de Luiz Fernandes de Oliveira e Ricardo Cesar Rocha da Costa abarcam princípios pedagógicos que aparentemente não apresentam os mesmos indícios na entrevista de Nelson Dacio Tomazi.

Embora não contemos com o manual do professor, e não possamos verificar as recomendações acerca do uso de filmes em Sociologia para o Ensino Médio, podemos perceber o quanto a inquietude de Tomazi gira em torno dos conceitos e teorias propriamente sociológicos, uma vez que sua obra parece ser uma “extensão” de seu primeiro livro:

⁴ O que, todavia, não deixa de ter seu valor investigativo do ponto de vista pedagógico e educacional.

As mudanças mais visíveis, em relação ao Iniciação à Sociologia foram a introdução de uma Unidade sobre “Mudança e transformação social” que não havia no livro anterior, a criação de um “Apêndice sobre a História da Sociologia” e a inclusão da discussão sobre “Direitos e cidadania na Unidade sobre Movimentos Sociais”. Além disso, no interior das Unidades foram acrescentados excertos de livros de autores clássicos e contemporâneos, para os alunos terem contato direto com os autores. No final de cada capítulo houve a introdução de “Cenários”, que incluíamos textos de jornais, revistas e de outros autores sobre o tema, e no final de cada Unidade foram acrescentadas outras seções: “Para Refletir”; “Para organizar o pensamento”; “Livros recomendados” e; “Sugestão de filmes”. (BODART, 2019, p. 111).

Este trabalho pretendeu investigar se e como as obras cinematográficas se apresentam em dois livros didáticos de Sociologia do Ensino Médio: Sociologia para Jovens do Século XXI e Sociologia para o Ensino Médio.

Preliminarmente, sustentamos a hipótese de que cada uma das obras acima pertence a um momento histórico distinto da institucionalização da disciplina como componente curricular no Ensino Médio, cada um dos livros em questão sendo resultado de um “ponto de vista ideológico” específico no “subcampo” da Sociologia no Ensino Médio. Logo, o cinema, como ferramenta didático-pedagógica com vistas à transposição didática dos conceitos e conteúdos clássicos da ciência sociológica, se encontraria ou ausente ou relativamente tímido nos textos em questão, assim como as recomendações dos autores sobre os modos de utilizá-los em sala de aula.

Ao longo do trabalho, tal hipótese foi corrigida e reformulada porque se constatou em ambos os casos a existência de obras cinematográficas em seções de capítulos ou unidades temáticas. E como, ademais, contamos apenas com o manual do professor de Sociologia para Jovens do Século XXI, e nele se observou claras indicações de como tais recursos poderiam ser incluídos nas aulas a critério do planejamento pedagógico de cada professor, a hipótese inicial, em parte, foi confirmada. Deste ponto de vista, aliás, pudemos levantar outras hipóteses na análise dos resultados, visando investigações futuras, tendo em vista o caráter preambular do exame aqui realizado.

Imputamos as principais convergências e discrepâncias entre os livros didáticos em questão à trajetória acadêmico-institucional de seus autores, Luiz

Fernandes de Oliveira, Ricardo Cesar Rocha da Costa e Nelson Dacio Tomazi, junto ao “subcampo” no qual estão engastados. Por isso, sugerimos que Sociologia para Jovens do Século XXI possui um caráter “mais pedagógico” – por assim dizer – em função da experiência dos autores como professores de Sociologia no Ensino Médio. Ou seja, defendemos a hipótese de que as dificuldades práticas vivenciadas em sala de aula foram fatores determinantes para se repensarem os materiais e recursos didáticos disponíveis na época da concepção do livro, levando em consideração o uso de uma linguagem mais palatável para o público alvo: os estudantes do Ensino Médio. Assim é que, neste trabalho, as mídias visuais (imagens, fotos, filmes, jogos eletrônicos, etc.) assumem a função de indicadores de uma nova perspectiva pedagógica. Em contrapartida, embora a presença destas mídias seja notada em Sociologia para o Ensino Médio, as entrevistas revelam que o esforço de Tomazi em transpor didaticamente a linguagem dos clássicos da Sociologia para uma linguagem mais próxima dos estudantes é ainda deveras arraigada ao meio acadêmico universitário.

Lado a lado, compreende-se os desvios dos autores no que toca às suas trajetórias docentes. Após a publicação de seu primeiro livro, em 1993, Tomazi adentra o circuito de eventos acadêmicos como um protagonista, como um “especialista”, numa palavra, como um modelo de autor de livros didáticos de Sociologia. No entanto, sua estreia no mercado editorial dos livros didáticos é marcada por um convite da editora, que a princípio não o havia considerado para o cumprimento da tarefa. É como se o próprio campo editorial do “subcampo” do Ensino de Sociologia no Ensino Médio tivesse que mover esforços próprios, como por um epifenômeno de seus mecanismos sociológicos, com objetivo último de fazer surgir, em função da baixa qualidade das obras disponíveis naquele determinado contexto histórico, um produto mais refinado e elaborado, passível de suprir uma necessidade tanto mercadológica quanto pedagógica – mas essa é uma questão de investigação sociológica pouco conveniente para os objetivos deste trabalho.

Essa trajetória que definimos “editorial-militante” contrasta fortemente com as trajetórias de Luiz Fernandes de Oliveira e Ricardo Cesar Rocha da Costa. Pois ao contrário de Tomazi, comprometido com a docência do Ensino

Superior, sua entrada no campo editorial do “subcampo” do Ensino de Sociologia no Ensino Médio se dá em razão das dificuldades práticas enfrentadas em sala de aula. Esta é a origem da energia movida na direção da construção de um livro didático que, por sua vez, passa a figurar ao lado de textos didáticos clássicos, como o caso do próprio livro de Nelson Tomazi. Enquanto este é impelido pelas circunstâncias a aceitar uma produção bibliográfica, aqueles “ousam” investir numa empreitada muito similar, desafiando as regras e a lógica de um campo editorial ainda em vias de se autonomizar, tão logo a história do Ensino de Sociologia no Ensino Médio ainda encontra-se numa fase “indefinida”.

Resta-nos perceber que Sociologia para Jovens do Século XXI e Sociologia para o Ensino Médio estão longe de esgotar nossas indagações, mas, por outro lado, não esgotam as direções nas quais podemos mirar o escrutínio.

Referências

BODART, Cristiano das Neves (Org.). **Diálogos sobre o ensino de sociologia**. 1ª ed. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
BOURDIEU, Pierre. **O sociólogo e o historiador**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira, com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: para uma sociologia clínica do campo científico**. Trad. Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Brasília, DF, 2006a.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Orientações Curriculares Complementares aos Parâmetros Nacionais da Educação. Brasília, DF, 2006b.

CRUZ SOUCA, Luiza *et al.* Trazendo o cinema para a sala de aula: a utilização do filme *Amazônia em Chamas* como estratégia de ensino. *In: V Enebio e II Enebio Regional 1. Revista da SBEnBio*, no 7, Minas Gerais, Outubro, 2014.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 4ª ed. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

GOMES, Cleber Fernando. Novas concepções de ensino-aprendizagem de sociologia com recursos do cinema. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11., 2013, Curitiba. **Anais...**Paraná: PUC-PR.

LUCAS MARTINS, Ana Lucia. Cinema e ensino de sociologia: usos de filmes em sala de aula. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13., 2007, Recife. **Anais...**Pernambuco: UFPE.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Trad. Luiz Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MEDVIEDÉV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; ROCHA DA COSTA, Ricardo Cesar. **Sociologia para jovens do século XXI**; manual do professor. 4ª ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.

SCHEVISBISKI, Renata S. **Metodologias de ensino de sociologia: o projeto “Oficina de Ideias”**. Universidade Estadual de Londrina, 2008.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o ensino médio**. 3ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

A ABORDAGEM DA CHARGE DE ANGELI "FERIADO DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA" NOS LIVROS DIDÁTICO DE SOCIOLOGIA

Larissa Guedes de Oliveira
Fundação Joaquim Nabuco

Este estudo faz uma análise da charge "Feriado dia da consciência negra", do artista Angeli, reproduzida em quatro dos cinco livros didáticos de sociologia aprovados pelo último edital do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), na tentativa de investigar qual a relação desta ilustração com o conteúdo das ciências sociais apresentado nestas obras, sendo este o objetivo central do trabalho. Assim, busca-se identificar os conceitos e conexões desse conteúdo imagético com as abordagens dos livros analisados.

O livro didático é uma das principais ferramentas para professores e estudantes em sala de aula. Muitos docentes organizam o plano de aula baseando-se na estrutura do livro trabalhado na disciplina (CAVALCANTE, 2015). Além disso, é nítida a apresentação de um conteúdo imagético diverso, que envolve tabelas, gráficos, fotografias, até aquilo que se manifesta em histórias em quadrinhos: charges e tiras. Por estar bastante presente enquanto elemento imagético nos livros, a história em quadrinhos compõem uma grande parte do conteúdo, o que indica, no caso da sociologia, que são recursos úteis e importantes na apresentação dos conceitos e temas abordados. Assim, esta pesquisa, ao se interessar em observar como se aborda o conteúdo das ciências sociais expresso na charge mais recorrente das obras, buscou em paralelo responder alguns questionamentos: Como a charge de Angeli, reproduzida em quatro livros didáticos, varia de livro para livro? Em que contexto esta imagem está inserida? Como dialoga com os assuntos de sociologia a qual remete? Qual é a função social, histórica e política que carrega?

Enquanto objeto de estudo desta pesquisa, o livro didático de sociologia é analisado e avaliado como um documento, uma espécie de registro do currículo sociológico na escola básica, contendo informações que abordam conceitos e teorias das ciências sociais, além de abarcar um rico conteúdo imagético. Assim, a

metodologia utilizada neste estudo se organiza em uma abordagem qualitativa a partir da análise documental. Godoy (1995, p.21) constata que,

A abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. Nesse sentido, acreditamos que a pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas. Além disso, os documentos normalmente são considerados importantes fontes de dados para outros tipos de estudos qualitativos, merecendo, portanto, atenção especial.

Santos (2005) argumenta que "são fontes documentais tabelas estatísticas; relatórios de empresas; documentos informativos arquivados em repartições públicas; obras originais de qualquer natureza". Segundo Appolinário (2009) uma pesquisa quando se utiliza de fontes documentais como livros, revistas, documentos legais, dentre outros, ela possui um caráter documental. Godoy (1995, p.21-22) reconhece que "a palavra 'documentos', neste caso, deve ser entendida de uma forma ampla, incluindo os materiais escritos (como, por exemplo, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios)". No caso desta pesquisa, as obras analisadas são os cinco livros didáticos de sociologia aprovados pelo PNL D de 2018. Conforme Sá-Silva (2009,p.4),

Quando um pesquisador utiliza documentos objetivando extrair dele informações, ele o faz investigando, examinando, usando técnicas apropriadas para seu manuseio e análise; segue etapas e procedimentos; organiza informações a serem categorizadas e posteriormente analisadas; por fim, elabora sínteses, ou seja, na realidade, as ações dos investigadores – cujos objetos são documentos – estão impregnadas de aspectos metodológicos, técnicos e analíticos.

A linguagem visual e verbal presentes nos livros didáticos foram analisadas mediante uma técnica exploratória, uma vez que dedicou-se a compreender a construção didática do material e como o universo imagético da charge selecionada é considerado dentro da perspectiva teórica das ciências sociais, já que é um material voltado para se trabalhar em escolas, durante as aulas de sociologia, na interação entre estudantes e professores.

Para a organização deste estudo, algumas etapas foram estabelecidas. No início, realizou-se a seleção do material para análise, no caso, os livros didáticos de sociologia direcionados para o ensino médio, aprovados pelo edital do Programa Nacional do Livro Didático de 2018. Em seguida, foi feito o levantamento das histórias em quadrinhos, desmembradas em charges e tiras, realizando a contagem de todo este conteúdo imagético específico em cada obra, identificando os capítulos, subcapítulos e seções em que se localizavam, bem como o contexto no qual estavam inseridas.

Também foram observadas as fontes, o ano de produção e o nome dos ilustradores; o tipo de história em quadrinhos; a presença ou ausência de legendas ou textos explicativos acompanhando tais imagens; os conceitos, temas e teorias aos quais a imagem se vincula na obra didática. Este levantamento se organizou mediante a construção de um quadro, seguindo o modelo abaixo:

Quadro 1 - Tabela dos dados dos livros didáticos

Identificação	Dados da Imagem	Conteúdo	Contexto
<ul style="list-style-type: none">• Referência da Coleção• Unidade• Capítulo• Subcapítulo• Seção• Página	<ul style="list-style-type: none">• Tipologia• Título• Legenda• Autor• Fonte/Arquivo• Ano• Relação Imagem-conteúdo	<ul style="list-style-type: none">• Tema• Conceito• Teoria• Autor	<ul style="list-style-type: none">• Descrição• Observações Gerais

Fonte: Autoria própria.

Com a organização dos dados levantados nos livros didáticos conforme o quadro acima, foi possível identificar a ilustração mais recorrente, assim como os artistas mais frequentes. A continuidade do trabalho investigou a maneira como o assunto temático e as abordagens teóricas de cada livro dialogam com a charge com mais aparições nas obras, propondo identificar, por exemplo, se faz referência e embasa a linguagem verbal ou se funciona mais como uma ilustração colocada nas obras de forma aleatória.

A charge de Angeli intitulada "Feriado: dia da consciência negra", foi encontrada em quatro das cinco obras didáticas, sendo este também o artista com

o maior número de charges em todas as obras, o que fez com que o estudo se ancorasse na análise qualitativa das ilustrações presentes nos livros didáticos, partindo da observação e relação entre teoria e imagem destas aparições.

Assim, este estudo foi organizado da seguinte forma:

1ª fase: Análise do quantitativo geral de imagens referentes a charges e tiras dos livros didáticos de sociologia aprovados no Programa Nacional do livro Didático de 2018.

2ª fase: Análise qualitativa: categorização, interpretação, análise e reflexão das imagens.

A organização da análise aconteceu a partir da identificação, seleção, categorização e contagem das ilustrações referentes às charges e tiras presentes nos cinco livros didáticos de sociologia aprovados no edital do PNLD de 2018. A lista abaixo elenca as referidas obras e respectivos autores e autoras:

- **Sociologia**, de Silvia Maria Araújo, Maria Aparecida Bridi e Benilde Lenzi Motim
- **Sociologia hoje**, de Igor José de Renó, Henrique Amorim e Celso Rocha
- **Sociologia em Movimento**, de Afrânio Silva et al.
- **Sociologia para jovens do século XXI**, de Luiz Fernandes de Oliveira e Ricardo César Rocha da Costa
- **Tempos modernos, tempos de sociologia**, de Helena Bomeny, Bianca Freire-Medeiros, Raquel Emerique e Julia O'Donnell

Após o levantamento dos dados, foi possível identificar quais são os artistas e as ilustrações mais recorrentes em cada obra, possibilitando a realização da segunda etapa, baseada na análise imagética e discursiva da imagem selecionada em capítulos específicos.

Esta etapa da pesquisa aborda a relação entre o conteúdo imagético selecionado e a teoria presente nas obras didáticas a partir de um enfoque qualitativo. Ela se baseia na análise pormenorizada da imagem de Angeli selecionada de modo a permitir certo grau de comparação entre o tratamento conferido em cada livro a essa ilustração, mas principalmente, em relação à interação da imagem ao conteúdo.

Nesse caso, a charge de Angeli, ausente apenas no livro *Sociologia em Movimento*, surge a partir de enfoques e abordagens diferenciados em cada obra.



O quadro abaixo descreve, de modo sintético, as características da imagem e suas inserções em cada obra.

Quadro 2 - Características das charges de Angeli

OBRA	IMAGEM	CAPÍTULO	SUB-CAPÍTULO	Nº DE PG	PRINCIPAIS TEÓRICOS	CARACTERÍSTICAS GERAIS
Sociologia	Charge de Angeli - Feriado dia da consciência negra	2: Viver em sociedade: desafios e perspectivas das ciências sociais	Desigualdade social e dominação	34	Karl Marx Max Weber Erin Olin Wright Pierre Bourdieu Florestan Fernandes Pedro Demo	A charge insere-se na seção "pausa para refletir", página XX como proposta de atividade sobre as desigualdades étnico raciais.
Sociologia Hoje	Charge de Angeli - Feriado dia da consciência negra	3: Outras formas de pensar a diferença	O conceito de etnicidade	16	Fredrik Barth Max Gluckman	Inserida na página 78, a charge vem com uma atividade que propõe que o leitor produza uma reflexão sobre etnicidade no Brasil.
Sociologia para jovens do século XXI	Charge de Angeli - Feriado dia da consciência negra	21: Onde você esconde o seu racismo? Desnaturalizando as desigualdades raciais	Qual é a cor do Brasil?	17	Kabenguele Munanga Thomas Skidmore Muniz Sodré Clóvis Moura Florestan Fernandes Gilberto Freyre	A charge é reproduzida na página 332 e é uma ilustração que se conecta com o capítulo inteiro, apresentando-se de modo adequado ao tratamento das relações étnico-raciais.
Tempos modernos, tempos de sociologia	Charge de Angeli "Feriado dia Da consciência negra"	18: Desigualdades de várias ordens	Raça e racismo na legislação brasileira	22	Kabengele Munanga Gilberto Freyre Oracy Nogueira Carlos Hasenbalg	Presente na página 289, a charge localiza-se junto a uma discussão abordada sobre os conceitos de desigualdade social, que trabalha com as de gênero, racial, étnica e de classe social.

Fonte: Autoria própria.

Vale destacar que a história em quadrinhos são elementos bastante presentes nos livros didáticos de sociologia e se relacionam com conteúdos das três disciplinas que formam as ciências sociais: antropologia, sociologia e ciência política. O modo como cada livro delas se utiliza é bastante variado. Há livro que o faz prioritariamente como suporte a atividades e exercícios. Há outro que distribui ao longo de suas páginas mais de uma centena de ilustrações elaboradas exclusivamente para figurar junto ao conteúdo do livro. A maior parte, no entanto, se utiliza de história em quadrinhos publicadas originalmente em outros veículos de divulgação e informação, principalmente jornais. Também a maioria dos livros procura estabelecer contato entre a imagem e o assunto abordado no momento em que ela é apresentada. A forma como isso é feito também varia.

Um exemplo é o livro Sociologia hoje, que associa o conceito de etnicidade à charge “Feriado: dia da consciência negra”, de Angeli, inserindo-a como proposta de atividade. Já o livro Sociologia para jovens do século XXI utiliza a mesma charge para tratar do racismo, em um capítulo bastante ilustrado com gráficos sobre a questão racial no Brasil. No livro Sociologia a charge figura em um capítulo sobre o tema das desigualdades de várias ordens, pontuando brevemente a questão de raça, quando então é apresentada a charge, porém sem deixar de vinculá-la também à questão de classe. De maneira semelhante, o livro Tempos modernos, tempos de sociologia também reproduz a imagem vinculada a uma discussão sobre as desigualdades sociais. Nesse caso, constata-se que uma mesma imagem pode abarcar e se relacionar a diferentes temáticas e a partir de enfoques diferenciados.

Também as imagens estão de acordo com as exigências do edital do Programa Nacional do Livro Didático, que orienta em relação ao uso adequado que deve ser feito das imagens nessas obras, de modo a que sejam respeitadas as leis do país (tais como lei de direito autoral, Estatuto da Criança e do Adolescente, Constituição Federal, etc.), sem reproduzir estereótipos ou preconceitos, por exemplo. Esta observação é interessante, pois já indica que as imagens encontradas nos livros foram avaliadas e aprovadas, ou ao menos não tiveram seu uso contestado.

Referências

ARAÚJO, Silvia Maria de. **Sociologia**: volume único: ensino médio / Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi, Benilde Lenzi Motim, -- 2. ed. -- São Paulo: Scipione, 2016.

BOMENY, Helena; MEDEIROS, Bianca Freire; EMERIQUE, Raquel Balmant; O'DONNELL, Julia. **Tempos Modernos, Tempos de Sociologia**. 3o ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2016.

CAVALCANTE, Thayene Gomes. **Adoção do livro didático de Sociologia na educação básica**: estudo com docentes da rede pública da Primeira Gerência Regional de Ensino da Paraíba, 2015. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/mp_cienciassociais/images/stories/pdf/dissertacoes/dissertacao_thayene_gomes_cavalcante.pdf. Acesso 16 mai. 2019.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

MACHADO, Igor J. de Renó; AMORIM, Henrique; BARROS, Celso Rocha de. **Sociologia Hoje**. 2a ed. São Paulo: Ática, 2016.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar da. **Sociologia para jovens do século XXI**. 4a edição, Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2018.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v.1, n.1, 2009.

SILVA, Afrânio *et al.* **Sociologia em Movimento**. 2a ed. São Paulo: Moderna, 2016.